

Medo, terrorismo de Estado e as ditaduras civil-militares de segurança nacional do Cone Sul

CORRADI, Juan E.; FAGEN, Patricia Weiss; GARRETÓN, Manuel Antonio (eds.).
Fear at the edge: state terror and resistance in Latin America. Berkeley: University of California Press, 1992. 301 p.

Caroline Silveira Bauer
Doutoranda em História pela UFRGS
carolinebauer@gmail.com

Fear at the edge: state terror and resistance in Latin America [Medo ao limite: Estado terrorista e resistência na América Latina] é uma obra coletiva publicada em 1992, tendo como editores Juan Corradi, professor de Sociologia na New York University, Patricia Weiss Fagen, membro da United Nations High Commission for Refugees in El Salvador e Manuel Antonio Garretón, membro da Latin America Faculty of Social Sciences em Santiago, Chile.

A obra possui um inegável destaque na historiografia sobre as ditaduras civil-militares de segurança nacional do Cone Sul, tanto pelas inovações teórico-metodológicas, debates e discussões, quanto pela pesquisa empírica de seus autores. Uma das principais contribuições dos autores foi abordar o medo sob uma perspectiva política, investigando a chamada “cultura do medo”, prática aplicada sistematicamente pelo terrorismo de Estado implantado na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai nas décadas de 1960 a 1980. Esta abordagem foi característica da produção historiográfica do final dos anos 1980, que procurou novos enfoques para ampliar os limites de análise empregados naquela conjuntura, dominada pelos estudos das transições políticas. As pesquisas relacionadas à reflexão acerca do medo e do terror transcenderam a lógica estritamente política que predominava nos estudos elaborados naquela década ao focar aspectos mais subjetivos – porém, sob uma perspectiva política – das sociedades que experimentaram os regimes de terror de Estado.

Os autores constataam que a “cultura do medo” é, paradoxalmente, um fenômeno que não foi sistematicamente estudado pelos países do Cone Sul, já que este é um dos principais legados dos ditaduras instauradas nas décadas de 1960 e 1970. A existência desta lacuna levou os autores a analisarem os aspectos sociais, psicológicos e ideológicos dos regimes de segurança nacional, através de uma abordagem multidisciplinar, com contribuições de especialistas das áreas da Sociologia, da Ciência Política, Psicologia, Letras, Educação, Comunicação e Direitos Humanos.

O medo que afetou diretamente as sociedades do Cone Sul, segundo os editores, originava-se da violência estatal generalizada, da erosão dos valores públicos e sociais e do constante sentimento de dúvida, incerteza e insegurança que se tornara cotidiano. Como resultado da aplicação sistemática do medo pelos regimes de terror, tinha-se a imobilidade da sociedade civil, paralisada devido à incapacidade de prognosticar o que era ou não permitido por esses governos, pois o poder político fora arbitraria e brutalmente exercido.

Através das experiências coletivas dos países do Cone Sul, o livro busca contribuir a uma abordagem política e sociológica do medo. A implementação do terror, características das ditaduras que dominaram a região, resultou em níveis sem precedentes de insegurança entre os cidadãos desses quatro países. A descrição da intensidade e profundidade e das múltiplas expressões desta insegurança e as ações de oposição e resistências levadas a cabo para a superação dos efeitos penetrantes do medo são alguns dos aspectos levados em consideração pelos autores.

Os capítulos que compõe esta obra coletiva são resultado de uma trajetória de pesquisa bastante extensa, iniciada em 1980 com o patrocínio da Social Science Research Council (SSRC) de Nova Iorque. Nos anos subseqüentes, pesquisadores latino e norte-americanos e ativistas de direitos humanos apresentaram e discutiram artigos que descreviam as dinâmicas do Estado terrorista, a natureza do medo político e os esforços da sociedade civil em contabilizar os efeitos do terror e do medo. Concomitantemente à iniciativa do SSRC, estudantes e pesquisadores do Cone Sul passaram a desenvolver estudos teóricos e empíricos sobre o impacto do autoritarismo nessas sociedades. Com o crescente interesse regional em explorar estas temáticas, foi realizada a conferência internacional “Cultura do Medo” em Buenos Aires em junho de 1985, cujos textos finais apresentados neste evento são os capítulos que formam este livro.

Uma das primeiras constatações ao final do evento foi que a complexidade e as múltiplas possibilidades de análise do tema “cultura do medo” requereriam o abandono das abordagens clássicas da ciência política e da sociologia sobre as ditaduras militares e o autoritarismo, pois os golpes e os regimes instaurados nos anos 1960 e 1970 não possuem precedentes históricos. Devido ao ineditismo das ditaduras de segurança nacional, novas considerações teórico-metodológicas foram desenvolvidas no âmbito das ciências humanas para analisar as características desse período. A problemática do medo abriu novas perspectivas sobre a política e sobre as relações entre Estado e Sociedade, assim como sobre o poder e a dominação, e elucidou a estrutura institucional do medo, suas formas de produção e superação na sociedade, a psicologia social do medo e seus efeitos nas vítimas e nos perpetradores.

Para abranger o maior número possível de perspectivas, o livro foi dividido em quatro partes: a primeira parte destina-se à definição e caracterização da cultura do medo; a parte dois examina as diversas formas de implantação do medo nos países do Cone Sul; a terceira parte analisa as diferenças e similitudes entre as manifestações do medo e as condições em que o medo foi combatido e eliminado; a parte quatro, encerrando o livro, discute os legados e as seqüelas políticos, sociais, econômicos e culturais do medo na sociedade.

A parte I, *Fear and Authoritarianism* [Medo e autoritarismo], é composta pelos artigos *Fear in Military Regimes: An Overview* [Medo em Regimes Militares: Uma visão geral] do cientista político Manuel Antonio Garretón e *Some People Die of Fear: Fear as a Political Problem* [Algumas Pessoas Morrem por Medo: o Medo como um Problema Político] do sociólogo Norbert Lechner. Nestes estudos, o medo é abordado sob uma perspectiva política, relacionado às características peculiares das ditaduras de segurança nacional do Cone Sul das décadas de 1960 e 1970.

Garretón inicia seu capítulo propondo um esquema de análise da natureza e do desenvolvimento do medo nas ditaduras do Cone Sul. Este esquema fornece distinções entre as várias formas de medo (por exemplo, as provenientes da certeza e do desconhecido) e entre as vítimas do medo (os vencidos e os vencedores). O autor aplica estas distinções às várias fases pelas quais as ditaduras do Cone Sul passaram: um período inicial de repressão predominante; uma fase transformacional; um momento de crise; uma fase terminal; e um período de transição para um regime não-autoritário. Em

cada caso, as formas predominantes de medo e de resistência ao medo são examinadas. Garretón também discute o legado do medo e os passos dados para superar este legado.

No outro artigo, Lechner aponta que o medo está intimamente ligado à ordem e que, nesta conjuntura, a diversidade latino-americana passou a ser percebida como desordem e não como pluralidade de concepções e valores. Como consequência, gerou-se uma cultura do medo assentada na concepção do “outro” onipresente como instaurador da desordem (diversidade), para quem foi direcionado toda a ameaça social. Desta forma, o autoritarismo passa a ser aceito, tolerado, pois propõe resolver as diferenças através da manipulação deste medo. O objeto das ditaduras militares ao fomentar este medo do “outro” é buscar, forçosamente, uma integração da sociedade, através da eliminação da contestação e da crítica.

A segunda parte, *Constructing Cultures of Fear* [Construindo Culturas do medo], agrupa os trabalhos de Patricia Weiss Fagen (*Repression and State Security* [Repressão e Segurança de Estado]); de Sofia Salimovich, Elizabeth Lira e Eugenia Weinstein (*Victims of Fear: The Social Psychology of Repression* [Vítimas do Medo: a Psicologia Social da Repressão]); de Juan Rial (*Makers and Guardians of Fear: Controlled Terror in Uruguay* [Perpetradores e Guardiões do Medo: o Terror Controlado no Uruguai]); e de Jean Franco (*Gender, Death, and Resistance: Facing the Ethical Vacuum* [Gênero, Morte e Resistência: Confrontando o Vácuo Ético]). Baseado nos esquemas analíticos desenvolvidos na primeira parte do livro, a parte II examina as especificidades de criação e difusão do medo em cada uma das ditaduras do Cone Sul e o impacto nas vítimas e nos perpetradores do terror.

O artigo de Patricia Weiss Fagen analisa os aparatos repressivos argentino, brasileiro, chileno e uruguaio. A autora descreve as justificativas fornecidas pelos militares para a tomada do Estado e para o exercício arbitrário do poder político, como, por exemplo, a constatação de que “a nação enfrentava uma guerra contra um inimigo ideológico – metaforicamente comparado a um câncer, que destruiria a sociedade caso não fosse extirpado. Este tipo de justificativa foi utilizado para legitimar a intensa repressão aos inimigos desses regimes. Fagen analisa a ideologia e a prática da “guerra interna” travada pelas ditaduras militares do Cone Sul, apresentando as mudanças nas instituições do Estado e a exposição da sociedade civil à repressão estatal, enfatizando as forças de segurança militares e os aparatos de segurança.

Sofia Salimovich, Elizabeth Lira e Eugenia Weinstein analisaram a experiência da *Fundación de Ayuda Social de las Iglesias Cristianas*, uma organização que vem trabalhando com ex-exilados e vítimas de tortura no Chile. As autoras exploram as dimensões culturais e psicológicas do medo em situações repressivas como a vivida no Chile após o golpe de Estado de 1973, descrevendo a gênese do medo, oriunda das práticas (ou do conhecimento das práticas) de seqüestro, tortura e exílio. Ao longo do texto, são estudados os traumas psicológicos desenvolvidos pelas vítimas, que perdem a habilidade de enfrentar a realidade e perdem, também, a noção entre os limites da imaginação e da realidade. As pesquisadoras concluem que as mudanças ocorridas na sociedade chilena por ocasião da implantação do terror provocaram uma inibição no desenvolvimento das relações interpessoais, aumentando o sentimento de insegurança e mudando os valores sociais.

A pesquisa de Juan Rial sobre o caso uruguaio aborda três questões: a vulnerabilidade da sociedade uruguaia à imposição do autoritarismo, a política das prisões em massa e os mecanismos de ação desenvolvidos contra a cultura do medo. A prática repressiva do encarceramento em grande escala da população foi uma das especificidades da ditadura uruguaia. Diferentemente de outros regimes, os prisioneiros políticos não eram assassinados ou desaparecidos, mas permaneciam anos detidos em condições precárias, com o claro objetivo de destruir a personalidade do preso. Esta técnica fazia parte de uma estratégia mais ampla, que objetivava disseminar a apreensão e a insegurança na população. O sucesso do regime uruguaio neste aspecto foi significativo: após o período ditatorial, a sociedade encontrava-se silenciada, atomizada e sem esperança.

Finalizando a segunda parte, o artigo de Jean Franco insere as experiências ditatoriais do Cone Sul das décadas de 1960 a 1980 dentro do escopo do que a autora caracteriza como um “vácuo ético da sociedade pós-moderna”. Primeiramente, Franco desenvolve o argumento de que os métodos de controle social atuais, baseados no extermínio, extrapolaram os limites da experimentação científica. A autora prossegue analisando as ações das vítimas e dos perpetradores da violência como manifestações de diferenciação de gênero. Através de testemunhos sobre a prisão e tortura na Argentina, Chile e Uruguai, examina a resistência dos movimentos de mães e familiares, expondo que a luta das mães, fundamentada em uma ética de sobrevivência, transformou estes movimentos em organizações muito fortes.

A parte III, *Resources, Strategies, and Constraints: Fighting Fear* [Recursos, Estratégias e Restrições: Combatendo o Medo], reúne os artigos *Resistance to Fear in Chile: The Experience of the Vicaría de la Solidaridad* [Resistência ao Medo no Chile: A experiência da Vicaría de la Solidaridad] de Hugo Fruhling; *Fear of the State, Fear of Society: On the Opposition Protests in Chile* [Medo do Estado, Medo da Sociedade: A respeito dos Protestos de Oposição no Chile] de Javier Martínez; *Testimonial Literature an the Armed Struggle in Brazil* [Literatura testemunhal e a luta armada no Brasil] de Joan Dassin; *Cultures of Fear, Cultures of Resistance: The New Labor Movement in Brazil* [Culturas do Medo, Culturas de Resistência: o Novo Movimento Operário no Brasil] de Maria Helena Moreira Alves; *Youth, Politics, and Dictatorship in Uruguay* [Juventude, Política e Ditadura no Uruguai] de Carina Perelli; *Strategies of the Literary Imagination* [Estratégias da Imaginação Literária] de Beatriz Sarlo; e *Beyond Fear: Forms of Justice and Compensation* [Além do Medo: Formas de Justiça e Compensação] de Emilio Mignone. A terceira parte deste livro busca responder às questões que os autores da obra coletiva consideram mais importantes, que se relacionam à temática da resistência ao medo. A imunidade ao medo gerado pelo terrorismo de Estado, os processos psicológicos que levam ao controle do medo, a criação de núcleos de resistência nas esferas pública e privada e, finalmente, os tipos de resistência que se desenvolveram são algumas das temáticas encontradas no conjunto desses artigos. A principal conclusão dos autores desta parte é que a resistência a regimes autoritários que utilizam o medo como forma de dominação política não é uma ocorrência esporádica ou excepcional, mas uma prática cotidiana.

O trabalho de Hugo Fruhling explicita como duas organizações de direitos humanos chilenas constituíram-se para prover alguma forma de oposição e resistência ao regime de Pinochet. Funcionando sob o auspício da Igreja Católica, estas organizações criaram espaços institucionais de proteção às vítimas da ditadura, fornecendo assistência legal e material e fomentando a resistência. Estes grupos, segundo o autor, tiveram um papel determinante no questionamento à legitimidade da ditadura chilena e na reorganização da atividade política no Chile durante o período de redemocratização.

O estudo dos movimentos de protesto no Chile por Javier Martínez enfatiza os processos pelos quais o medo é dominado por grupos de opositores, isto é, examina a cultura, a estrutura social e as personalidades daqueles que são imunes ao medo

aplicado pelo Estado. A pesquisa empírica de Martínez sofre uma grande influência do modelo teórico desenvolvido por Juan Corradi no capítulo de encerramento do livro.

Joan Dassin e Beatriz Sarlo elucidam em seus estudos a importância da literatura como um indício das transformações sociais ocasionadas pela implantação do medo em uma sociedade. A Literatura torna-se, assim, objeto de estudo e evidência de aplicação de uma cultura do medo em determinada sociedade. Questões relativas à oposição entre discursos oficiais, extra-oficiais e de oposição, à mudança no papel social dos autores, à relação entre autor e leitor, o impacto da censura e da auto-censura, à análise da literatura produzida no exílio, às conseqüências do terror na literatura e, por fim, às implicações em envolver-se com atividades culturais de protesto são algumas das temáticas trabalhadas pelas autoras.

Focalizando os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em São Paulo, Maria Helena Moreira Alves descreve como um setor da sociedade brasileira superou a desarticulação e o medo no processo de construção de um movimento operário durante o período de redemocratização. Ao longo da ditadura brasileira, os metalúrgicos, assim como os demais trabalhadores sindicalizados, tiveram seus direitos trabalhistas cerceados e foram proibidos de reunirem-se em suas associações e de realizarem greves. A autora enfatiza dois fatores decisórios na manutenção da coesão entre os metalúrgicos no combate desigual contra o regime e contra os empresários: a legitimidade social que a realização de greves possuía na conjuntura e o compromisso com a democracia participativa e com o sindicato.

Carina Perelli analisa em seu artigo a trajetória política dos estudantes secundaristas uruguaios a partir da rearticulação de uma oposição política no Uruguai. Identificando três gerações de atores: os “adultos autistas”, os “jovens *marranos*” e os adolescentes da contracultura, Perelli descreve os meios que eles encontraram para preservar ou criar formas de oposição. De acordo com a autora, a ordem dos militares de eliminar o pensamento contestatório do período anterior ao processo de autoritarismo e sua inabilidade em fornecer subsídios para a criação de uma nova mentalidade, contribuíram para a organização estudantil, que passou de uma oposição clandestina a uma forma de militância política organizada.

Encerrando a penúltima parte do livro, o capítulo de Emilio Mignone aborda a questão da justiça e da compensação na Argentina sob duas perspectivas: uma, macroestrutural, que enfoca as contradições e falhas na aplicação do medo pelo Estado

e, outra, um estudo da resistência visto de baixo, onde se confluem os pequenos desafios e os grandes movimentos de protesto. Em momentos como os vividos pela sociedade argentina onde houve o juízo às juntas militares que as esperanças em um poder e em preceitos democráticos são renovadas.

Encerrando a obra, a parte IV, *A look ahead* [Um olhar à frente], composta do capítulo *Toward Societies without Fear* [Rumo a Sociedades sem Medo] de Juan Corradi, reflete sobre a inevitabilidade e os recorrentes ciclos de medo na sociedade, suas raízes ideológicas, e as formas de organização social que são construídas sobre e contra o medo. Além disso, o autor aborda as questões sensíveis com as quais as democracias que sucedem os regimes autoritários têm que lidar. Para o autor, há uma necessidade de estabelecer um corte simbólico entre o passado e o presente, como forma ritualística de renovação. No entanto, esta medida pode-se tornar uma nova fonte de insegurança, pois o medo em relação ao passado pode transformar-se em nova fonte de insegurança. A tensão entre punição e reconciliação presente nos debates sobre justiça e compensação leva as sociedades a refletirem sobre o próprio conceito de democracia.

A partir da publicação de *Fear at the edge: state terror and resistance in Latin America* em 1992, a obra tornou-se referência obrigatória para os pesquisadores das ditaduras de segurança nacional do Cone Sul. As contribuições relativas à multidisciplinaridade e o fornecimento de aparatos teórico-conceituais proporcionarão, ainda, uma série de novas abordagens a temáticas já estudadas e abrirão um campo de possibilidades de estudos de questões inéditas.